

LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA EM TRADUÇÃO

Organizar um dossiê dedicado à tradução não é tarefa simples. Primeiro porque por “tradução” podemos entender muita coisa, desde a tradução do senso comum, que Jakobson diria se tratar da tradução “propriamente dita”, até a tradução entre linguagens distintas (da literatura para o cinema, por exemplo), ou mesmo a tradução entre a realidade e como podemos significar a realidade. Dito de outro modo, o próprio gesto de traduzirmos o real em algo minimamente compreensível. Em segundo lugar, diante de algo tão abrangente (e movente) quanto o entendimento mesmo de tradução, é preciso, por questões práticas, estabelecer recortes: de que tradução estamos falando? De que universo(s) de língua/linguagens?

Para este dossiê, estabelecemos como primeiro recorte a tradução literária, entendida não exclusivamente como a tradução de um texto literário em uma língua X para um texto literário em uma língua Y, mas como um processo em que algum dos dois pontos do percurso comparece a literatura, ou, podemos dizer, a escrita literária. Se falamos de tradução literária, um segundo recorte diz respeito à língua. Em se tratando de uma revista ligada ao programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, o recorte é evidente. No entanto, é preciso

fazer uma ressalva que, mesmo que pareça óbvia, ocasionalmente nos escapa: ao falarmos de língua francesa, não estamos falando exclusivamente da língua dos franceses, mas de todos aqueles que põem em uso, pela escritura literária, a língua francesa, que não é propriedade francesa.

Sem ignorar as questões que estão em jogo na denominação da língua (a língua do Quebec é o francês ou o québécois? Falamos no Brasil a mesma língua de Portugal ou uma língua brasileira?), mas tendo ao mesmo tempo que dar conta da necessidade de um recorte, limitamo-nos aos largos limites das literaturas de língua francesa em tradução. Como se verá, enquanto alguns artigos cabem mais comodamente no recorte, outros parecem tensionar alguma das suas margens, mostrando que em qualquer tentativa de delimitação há também, ainda que em latência, a fissura.

Assim, nosso dossiê se compõe de artigos que versam sobre tradução de literatura africana, tradução de folhetins dos séculos XVI e XVII, (re)tradução de Mallarmé no Brasil, poesia anarquista francesa em tradução, Cocteau traduzido para crianças, autotradução de Guy Debord para o cinema, tradução de prosa quebequense, tradução como laboratório de escrita, problemas gerais de tradução de variedade linguística e, finalmente, presença do humanismo italiano, via tradução, no humanismo francês.

A variedade de enfoques e temas confirma que, se os estudos da tradução se expandiram nas décadas de 1980 e 1990, aumentando exponencialmente o número de trabalhos a partir dos anos 2000, é tempo de aproveitar a safra:

Abrindo o dossiê, Marília Garcia, em “Tinha uma tradução no meio do caminho”, mostra como a tradução pode agir mediando relações de troca entre autores. Para além de uma troca passiva, pura noção de “influência”, Marília Garcia destaca deslocamentos, tensões e ambiguidades que habitam essa relação, relatando-nos ainda sua própria experiência pessoal ao percorrer as pedras desse caminho que diz respeito à escrita tradutória e à escrita poética.

Paula Souza Dias Nogueira, em seu artigo “A tradução de provérbios em Alain Mabanckou”, analisa como uma escolha tradutória pode ser uma escolha política, isto é, como decidir traduzir provérbios africanos “ao pé da letra” pode estabelecer, graças à tradução, uma relação horizontal e enriquecedora com o texto-fonte, explicitando aspectos linguístico-culturais que uma tradução “domesticadora” apagaria.

Carolina Paganine e Ester Fonseca, em “Algumas considerações sobre variação linguística e tradução literária”, destacam algumas das questões centrais que dizem respeito à tradução de variação linguística em textos literários. As autoras partem de uma conceituação das noções de língua padrão e variação linguística para discorrer teoricamente sobre as dificuldades e efeitos de sentido possíveis que surgem do processo tradutório de textos em que a variação linguística e a oralidade desempenham papel significativo.

Em “Algumas tempestades adentram o palácio: crise, leitura e historicidade em três traduções de Mallarmé”, Caroline Micaelia lança mão da tradução para mostrar

as diferentes abordagens críticas por que tem passado a obra do poeta francês no Brasil. Debruçando-se sobre três traduções brasileiras de *Crise de vers*, Micaelia mostra não somente tensões e movências que comparecem no poema, mas como cada tradutor, a partir de determinada maneira de compreender a obra de Mallarmé e o próprio fazer tradutório, deram conta de retextualizar uma crise de verso.

Maurício Fraia, em “Poética da desconstelização: tradução comentada de *Drôle de ménage*, de Jean Cocteau”, toca em um aspecto pouco lembrado da obra do multiartista francês: literatura para o público infantil. Fraia comenta algumas das suas decisões tradutórias e deixa claro como, a depender de cada texto e de cada projeto tradutório, questões como ilustração, tipografia, diagramação, podem ser altamente significativas na tradução.

Carlos Moacir Vedovato Júnior, em “Louise Michel: entre a musa e a metralha, (re)leitura da poeta anarquista no Brasil”, recupera a figura emblemática no anarquismo francês de Louise Michel. E, para além de trazer um personagem histórico relativamente pouco conhecido no Brasil, traz, a partir de duas propostas de tradução, uma dimensão de Louise Michel pouco comentada mesmo em âmbito francês: sua produção poética.

Em “Traduzindo Yves Thériault, percursos da literatura fantástica moderna do Quebec”, Rafael Mendes Romão acrescenta a este dossiê o universo literário do Canadá francófono, completando a triangulação majoritária América-África-Europa. Partindo da tradução do conto “*Valère et le grand caneau*”, somos levados a constatar o papel fundamental que elementos culturais (toponímia, expressões, traços de oralidade etc.) podem desempenhar em um texto e, em consequência, em sua tradução.

Em “A sociedade do espetáculo: uma autotradução como crítica”, Juliana Zanetti de Paiva e Robson José Feitosa de Oliveira tocam em um assunto que tem recebido cada vez mais atenção nos estudos da tradução: a autotradução. No caso de Guy Debord, contudo, a questão é ainda mais complexa por se tratar de uma autotradução para o cinema, complexificando a noção de adaptação. Os autores explicam como o processo autotradutório de Guy Debord é, mais do que uma simples adaptação, um processo de construção cinematográfica de uma crítica.

Dorothée de Bruchard desloca-se até o universo cultural italiano para mostrar, em “*Poliphilus x Poliphile, ou o sonho francês de absorção do humanismo italiano*”, como *Hypnerotomachia Poliphili*, de Francesco Colonna, foi fundamental para o humanismo francês, que procura se apropriar das bases do humanismo italiano. Além disso, a obra é um caso produtivo para pensarmos nas múltiplas interfaces (nem sempre tão facilmente identificáveis e minimamente definíveis) entre edição e tradução.

Rafael Viegas traz até nós uma tradução de um dos muitos folhetins anônimos de *fait divers* que circularam na França entre 1540 e 1650. No texto em questão, uma jovem está presa em Lyon por ter matado o próprio filho recém-nascido. A tradução ricamente comentada nos conduz por uma série de imagens e ambigui-

dades que tecem um discurso complexo cindido pelo prazer do crime e pelo horror do arrependimento.

Contamos, ainda, com uma entrevista que fizemos com Paula Glenadel, professora de literatura francesa na Universidade Federal Fluminense, tradutora e poeta: “Escrita tradutória e escrita literária: entrevista com Paula Glenadel”. Ocupando distintos lugares de escrita, Glenadel nos fornece reflexões valiosas para pensarmos o lugar da escrita tradutória no universo da escrita literária e vice-versa, em tempos em que fronteiras, margens e divisões estritas entre práticas, fazeres e saberes vão se esmaecendo, abrindo espaço para novas maneiras de fazer poesia, fazer literatura, fazer pesquisa, fazer tradução.

Thiago Mattos
Álvaro Faleiros